

Cânhamo

Uma cultura a recuperar?

Envolto num misto de curiosidade e desconhecimento, o cânhamo e a decisão de apostar na sua produção enquanto cultura alternativa para algumas zonas do país, está a dar os primeiros passos, havendo mesmo a necessidade, de organizar uma associação que permita algum apoio aos produtores interessados.

As questões ecológicas e a descoberta de substitutos para a floresta têm sido algumas das razões apontadas pela União Europeia para o apoio que tem reservado a esta cultura e que desencadearam também o interesse dos agricultores portugueses.

José Luís Barroso*
Carlos Montemor *

Ao ouvirmos hoje falar desta cultura, devemos reconhecer que todos nós associamos esse nome a um dos piores flagelos da sociedade moderna - a droga.

No entanto as gerações dos anos 30, 40 e até 50 recordarão certamente do enorme interesse que esta cultura possuía como produtora das fibras necessárias para a indústria de cordoaria que com elas produzia desde as mais fortes cordas até ao mais fino "fio de sapatteiro" utilizado numa actividade quase desaparecida nesta sociedade de consumo "que não repara, antes compra novo".

A enorme importância que as questões ecológicas assumem no panorama mundial, a necessidade de encontrar alternativas às fibras artificiais (não biodegradáveis) e à delapidação da floresta, aliado ao facto de ser possível produzir plantas sem o "factor alucinogénico" (THC - tetrahydrocannabinol), poderão ser séria contribuição para que se possa falar numa verdadeira recuperação desta cultura.

O cânhamo é uma planta conhecida há mais de 4000 anos e cultivada em muitas regiões do globo pelo seu interesse não só como produtor de fibra, como referimos, mas também como fonte de



material alucinogénico utilizado pelos povos primitivos no tratamento de doenças.

Em Portugal, o cânhamo era desde há muitos séculos conhecido especialmente nos vales do Tejo, Mondego e da Vilarça, sendo de crer que até ao século XVIII tenha sido cultivado por todo o país (Júnior, 1942). Não estão bem averiguados os motivos pelos quais a cultura perdeu a importância que assumiu, afirmando alguns autores que foi devido à proibição da exportação da fibra e à inexistência de uma indústria capaz de absorver a produção.

A reintrodução do cânhamo em Portugal foi provocada principal-

mente pelos conflitos internacionais que antecederam a Segunda Grande Guerra, sobretudo o que opôs a Itália à Abissínia. Em 1937 a Repartição de Serviços de Culturas Arvenses da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas distribuiu semente pelas várias Brigadas Técnicas e com ela realizaram os primeiros ensaios desta época (Graça, 1940). A produção entre 1937 e 1969, adquirida pela Companhia Nacional de Torres Novas (CNT) chegou a atingir cerca de 6350 t de fibra e 1370 t de estopa (Figura 1).

Em 1944 a área cultivada foi então de 800 ha (80 % da área no Ribatejo), apesar da cultura ter

Produção (kg)

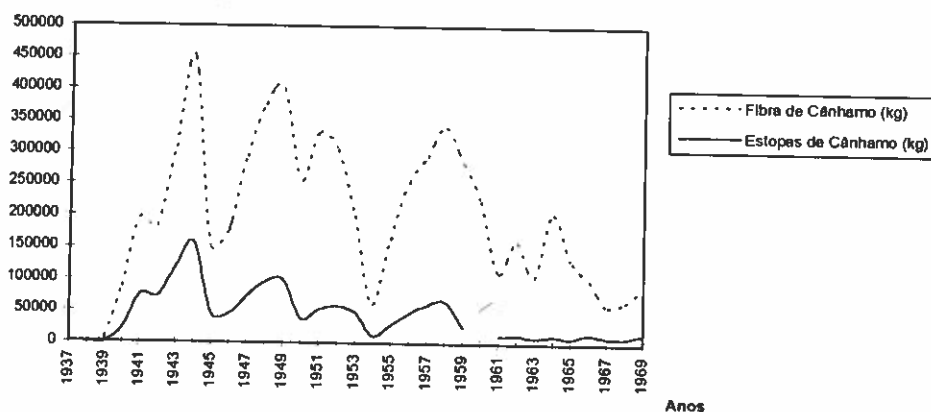


Figura 1 - Produção adquirida pela Companhia de Torres Novas

desaparecido em muitas regiões devido a obstáculos na realização de macerações em correntes de água em 1942. Entre 1952 e 1956 registou-se uma invasão do mercado por grandes quantidades de fio espanhol de melhor qualidade e a preços mais baixos. O declínio da cultura foi inevitável extinguindo-se completamente em 1970 (Bicho, s/d). Entre as causas do seu desaparecimento estarão a descida dos preços, a penosidade dos trabalhos de maceração e gramagem, o aparecimento de novas culturas e todos os factores políticos que impediram o seu cultivo por ser uma planta estupefaciente.

O interesse da planta como produtora de fibra continua actual e numerosos países fazem incidir nesta actividade grandes investimentos e vencido como já está pela preparação de variedades o problema dos altos teores em princípios alucinogéneos presentes que passaram a ser irrelevantes, surge uma nova fase de interesse pela cultura.

A produção de fibra destinada à indústria de tecelagem permite o fabrico de tecidos de alta qualidade, com características muito próprias e com grande procura por parte de sociedades muito sensíveis às questões ecológicas.

A União Europeia que tem vindo a subsidiar esta cultura, com regras algo indefinidas, está neste momento a debater um novo regime de actuação para ela. Concretamente, o comissário Franz

Fischler, responsável da Comissão para a Agricultura apresentou uma proposta que visa a redução (-25%) da ajuda ao hectare (actualmente no valor de 716,6 Ecu), dado o significativo aumento das áreas ocupadas por esta cultura no espaço europeu - 9 726 ha em 1995/96, 13 722 ha em 1996/97 e 22 933 ha em 1997/98, prevendo-se 35 000 a 40 000 hectares na presente campanha.

Pensamos que Portugal tem condições adequadas à cultura, tornando-se apenas necessário resolver o problema do que pensamos ser o estrangulamento da cultura ou seja a chamada "fase pós-agrícola e pré-industrial".

Entre nós e enquanto esta cul-

tura existiu, esta fase era assegurada pelos próprios agricultores que executavam a maceração e gramagem, em condições hoje inadmissíveis não só pela poluição que provoca nas linhas de água, como pelas grandes exigências em mão-de-obra necessárias a estas fases.

O produto era então adquirido e transformado pela única indústria transformadora então existente - a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas - que na década de 70 desmantelou todo o processo industrial, tendo a grande maioria das máquinas sido vendida para os Estados Unidos da América.

Toma-se urgente e necessário estudar esta fileira, implantando tecnologia moderna que permita vencer este estrangulamento, já que a cultura volta a merecer a atenção dos agricultores portugueses que este ano e através da recém criada Associação Nacional dos Produtores de Linho e Cânhamo, atingiu já talvez os 500 hectares.

No entanto, e indo de encontro às preocupações da Comissão Europeia, torna-se necessário implementar um sistema de controlo das áreas semeadas e das sementes utilizadas. Neste processo deverão estar fortemente empenhadas não só a referida Associação, mas o INGA e o Ministério da Agricultura e

Legislação em vigor

- Reg. (CEE) N.º 1308/70 de 29 de Junho
- Reg. (CEE) N.º 619/71 de 22 de Março
- Reg. (CEE) N.º 620/71 de 22 de Março
- Reg. (CEE) N.º 814/76 de 6 de Abril
- Reg. (CEE) N.º 72/81 de 12 de Janeiro
- Reg. (CEE) N.º 1664/89 de 28 de Abril
- Reg. (CEE) N.º 1557/93 de 14 de Junho
- Reg. (CE) N.º 154/97 de 20 de Janeiro
- Reg. (CE) N.º 624/97 de 8 de Abril
- Reg. (CE) N.º 2289/97 de 18 de Novembro



o próprio Ministério da Administração Interna que deverão estabelecer entre si uma cooperação fundamentada em base legal, para que os objectivos propostos sejam alcançados.

E porque o conhecimento da cultura, nomeadamente os aspectos técnicos, constituíam uma

preocupação do Sector de Agricultura da Escola Superior Agrária de Santarém, já em 1996 foi realizado um trabalho de experimentação que constituiu o trabalho final de um curso de mestrado ministrado no Instituto Superior de Agronomia, por um dos seus colaboradores (Montemor, 1997).

Neste trabalho estudou-se a adaptabilidade de variedades de cânhamo (*Cannabis sativa L.*) à região do Ribatejo e Oeste.

Para o efeito ensaiaram-se 4 variedades francesas - Fédora 19, Féline 34, Fédrina 74 e Futura 77, inscritas no Catálogo Europeu, que têm teores de A9 tetrahydro-



Associação Nacional de Produtores de Linho e de Cânhamo

A ANPLC foi constituída por escritura pública em 25 de Setembro de 1997. Esta Associação tem por objectivo representar e defender os interesses dos produtores de Linho Têxtil e Cânhamo junto da Administração Pública, Associações, Instituições ou Comissões Nacionais e Internacionais.

Está filiada na CAP, onde tem as suas instalações.

Av. do Colégio Militar, Lote 1786
1500 LISBOA

Tel. (01) 710 00 27
Fax. (01) 716 61 23

cannabinol (THC), constituinte psico-activo, inferiores a 0,3%, na Quinta do Bonito, pertencente à Escola Superior Agrária de Santarém, com três densidades de sementeira diferentes (200, 250 e 300 plantas/m²).

Avaliou-se a evolução do povoamento, diâmetro da planta na base do caule, altura da planta e massa seca e determinou-se, em duas épocas de colheita (floração e final do ciclo), a produção de matéria seca, a relação de casca, miolo e resíduos da planta, o teor de casca nos 2/3 inferiores do caule e a produção de semente, caracterizou-se a fibra (comprimento, espessura e espessura da parede), e avaliou-se o rendimento em pasta para papel e o conteúdo em óleo das sementes.

Verificou-se que a fase da floração é a época óptima para a colheita das plantas quando a cultura se destina à produção de fibra.

As variedades Fédrina 74 e Futura 77 apresentaram melhor adaptabilidade do que as Fédora 19 e Félima 34. Em relação às três densidades de sementeira en-

saiadas não foram registadas diferenças muito significativas.

Do acompanhamento da cultura e face aos resultados obtidos concluiu-se:

- a rapidez da emergência das plantas foi responsável pelo não desenvolvimento das infestantes;

- a melhor época de colheita para a produção de fibra é a floração o que de certo modo limita o "interesse" para a produção de THC.

A colheita poderá ser feita recorrendo a uma gadanheira para posteriormente se proceder ao "emolhar" das plantas e ao seu transporte.

Embora não conheçamos, admitimos no entanto que existam já hoje máquinas específicas para esta cultura.

Finalmente chamaríamos a atenção para o enorme interesse técnico desta cultura dada a enorme quantidade de produtos que dela se podem retirar (34 ao todo, desde as fibras ao chocolate).

A sua fibra de alta qualidade e biodegradável está já a ser utilizada em Portugal através de uma in-

dústria têxtil, que no entanto vai adquirir a sua matéria prima ao leste europeu. Também a indústria celulósica utiliza esta fibra com largas vantagens não só pela alta qualidade do produto final, especialmente reconhecida em serigrafia mas também devido ao facto de poder ser reciclado várias vezes.

Prevê-se a sua utilização como excelente substituto do amianto na produção do chamado "fibro-cimento", estando a própria Mercedes Benz a desenvolver estudos para o seu aproveitamento, quer utilizando o seu óleo como biocarburante quer na produção de fibra a utilizar no fabrico de carroçarias e "tabliers" substituindo os plásticos e as fibras de vidro.

Por tudo quanto dissemos, pensamos que esta cultura poderá ajudar a resolver alguns problemas dos agricultores. Assim os responsáveis europeus e nacionais o entendam.

** Sector de Agricultura da Escola Superior Agrária de Santarém*

